



## **EXPLOSÕES E ESTILHAÇOS DE CENTRALIDADES NO RIO DE JANEIRO**

**João Baptista Ferreira de Mello**  
**Doutorando - UFRJ**

### **1. INTRODUÇÃO**

**O** Rio de Janeiro é uma cidade plena de centralidades construídas, eleitas ou adotadas pelos indivíduos e grupos sociais. Mas, o que é centralidade, um lugar central? A centralidade assume as mais diversas facetas em diferentes escalas. Uma cabine telefônica, um cinema, um templo ou o endereço domiciliar são lugares centrais porque atraem usuários e irradiam idéias e significados. Em outro extremo, a cidade, a região, a pátria ou até mesmo o Planeta Terra - nestes tempos de consciência ecológica - podem adquirir simbolicamente o status de lugares centrais.

Alguns desses exemplos são corriqueiros e, certamente, irritam os positivistas, que em suas pesquisas, de um modo geral, focalizam centralidades tradicionais e grandes quadros distantes do mundo vivido do dia-a-dia. No entanto, convém reafirmar, outros tipos de centralidades eclodem cotidianamente. Por conseguinte, os lugares centrais não estão restritos àqueles definidos pela Escola de



Ecologia Humana de Chicago ou pela Teoria dos Lugares Centrais, amplamente utilizados pela geografia.

Os geógrafos conceituam um lugar central por ser um ponto de concentração e irradiação de fluxos comerciais, financeiros, sociais, administrativos, etc. A centralidade, sob este prisma, é a medida de importância do lugar enquanto lugar central, expressa pela magnitude dos bens e serviços oferecidos e pela área de influência. Afora esta tendência vale lembrar que a corrente humanística na geografia aprecia a dimensão etnocêntrica como algo concernente aos lugares centrais<sup>(1)</sup>. No entanto, a centralidade não se encerra neste círculo. Uma pluralidade de perspectivas sobre o assunto merece ser analisada a despeito da dificuldade em ordenar toda uma complexa gama de centralidades que se entrelaçam ou ocorrem isoladamente.

Nas últimas décadas amplia-se o leque de correntes, subcampos e especializações na geografia. A busca de teorias em outras ciências permite vislumbrar aspectos pouco explorados anteriormente. Um dos seus movimentos, a orientação humanística, procura entender a alma dos lugares - sob a perspectiva dos indivíduos e grupos sociais - focalizando manifestações pouco elucidadas ou mesmo desprezadas pelo saber geográfico<sup>(2)</sup>.



No presente estudo apresentamos um amplo leque de centralidades vivenciada pelos indivíduos e grupos sociais na cidade do Rio de Janeiro.

## 2. CENTRALIDADES: EXPLOSÕES E ESTILHAÇOS

**A**s facetas da centralidade são múltiplas. Um determinado lugar, no entanto, pode mesclar vários desses aspectos, que agrupamos em dois blocos: explosões e estilhaços de centralidades. Por explosões entendemos as diversas centralidades há muito tempo vivenciadas e consagradas, enquanto os estilhaços são relativos àquelas centralidades recentes, esporádicas, embrionárias, erradicadas, enfim, que não são permanentes ou já se extinguíram.

O Quadro I descreve as diversas centralidades agrupadas nos dois mencionados blocos. Do quadro selecionaremos algumas que serão a seguir comentadas.

**QUADRO I**  
**EXPLOSÕES E ESTILHAÇOS DE CENTRALIDADES**

As Explosões de Centralidades	Os Estilhaços de Centralidades
• no coração do mundo	• centralidades embrionárias
• centralidades tradicionais	• centralidades esporádicas
• “desagrega-se tudo; o centro não segura”	• centralidades erradicadas
• Centralidades permanentemente rotativas	• centralidades culturais
• centralidades contrastantes	• centralidades esportivas
• centralidades e confinamento	• centralidades religiosas
• centralidades marginais	• centralidades imortalizadas na memória
• centralidades metamorfoseadas	
• centralidades eternas	

**(a) Centralidades Permanentemente Rotativas**

A metrópole carioca mantém lugares centrais que funcionam ininterruptamente nos períodos diurno-noturnos (e madrugada adentro). São centralidades exercidas, por exemplo, pela Cinelândia e a Av. Atlântica, em Copacabana, que varam o ano demonstrando a pujança (e o fôlego) desses lugares afamados por uma série de fatores e acontecimentos, mas marcados pela importância do lazer e da cultura.



Por Cinelândia denomina-se o conjunto de ruas e praças junto ao final da Avenida Rio Branco, onde estão situados a Câmara dos Vereadores, a Biblioteca Nacional, o Clube da Bola Preta, o Museu de Belas-Artes, a Sala FUNARTE, diversas casas bancárias, restaurantes, bares e diversos teatros e cinemas que lhes emprestam o nome expresso apenas na vontade popular, nunca oficialmente lavrado.

Com sua eterna efervescência cultural e os diferentes usos de seu espaço para manifestações carnavalescas, políticas, religiosas, de parcela da população homossexual, boemia, encontros, trabalho, de atividades do mercado informal, mendicância, prostituição, etc., a Cinelândia - arduamente disputada por políticos às vésperas de eleições - costuma ser eleita como a tribuna mais democrática do espaço urbano carioca, ponto de concentração das multidões que percorrem a avenida Rio Branco em passeatas com reivindicações e cunhos dos mais diversos, além de procissões religiosas, bem como o trânsito comum do vai-e-vem do cotidiano.

Um outro ponto alto de centralidade permanentemente rotativa diz respeito à avenida Atlântica situada na orla marítima do cosmopolita bairro de Copacabana, brindado por gerações como a própria síntese do Rio de Janeiro<sup>(3)</sup>. Com seus encantos “a eterna princesinha do mar” continua povoando os sonhos de turistas e indivíduos de diversas classes sociais, a despeito de uma certa



perda de status conferido, a partir dos anos sessenta, aos bairros nobres e litorâneos de Ipanema, Leblon e ultimamente, São Conrado e Barra da Tijuca. Apesar disso, o afamado balneário - de requintados apartamentos residenciais, hotéis sofisticados, concorridos restaurantes ou bares, bem como ciclovias, calçada e amplas pistas para veículos, além de uma mixórdia proporcionada por transeuntes, shows, jogos, prostituição de rua, e pedintes - continua apresentando uma fervilhante vida cultural. Todavia, o grande momento de sua permanente centralidade acontece na noite do "Reveillon", tido como o acontecimento festivo de maior popularidade no Rio de Janeiro. Nas comemorações do ano novo entre o belíssimo espetáculo das luzes dos fogos de artifício e as explosivas felicitações de praxe, as janelas dos prédios, o calçamento, as várias pistas e as areias ficam formigando de gente, em sua maioria vestida de branco, que brinda a chegada de um novo tempo e simultaneamente transforma a Avenida Atlântica no ponto que consegue a proeza de concentrar a mais expressiva aglomeração de pessoas na cidade do Rio de Janeiro.

#### **(b) Centralidades Contrastantes**

Centralidades de diferenças consideráveis podem amalgamar-se em um mesmo local. No Rio de Janeiro, o largo da Carioca se notabiliza por ser um exemplo digno de apreciação, tendo em vista



que neste logradouro manifestam-se centralidades destoantes, seja a centralidade proporcionada como elo de ligação entre vários pontos da Área Central e, por isso mesmo, muito prestigiada por pedestres e ambulantes, seja a centralidade espiritual desenvolvida no convento de Santo Antônio, ou a centralidade referente às finanças, presente nos prédios da Caixa Econômica Federal e do City Bank, ou a comercial em diversos estabelecimentos, ou ainda aquela exercida pelo metrô carioca.

O famoso largo da Carioca - erigido em sítio onde anteriormente havia uma lagoa - enfrentou, durante séculos, várias ondas de aterros, ampliações e processos de ajardinamento culminando, nos anos setenta, com a inauguração da estação subterrânea do metrô.

Nos dias de hoje, na superfície do largo da Carioca assomam as mazelas de uma miserópolis como Calcutá ou Bombaim, modelo que se repete nas metrópoles brasileiras desde o início dos anos oitenta, com o recrudescimento da crise econômica brasileira. Nesse imenso palco aberto atuam como protagonistas e coadjuvantes, na coreografia do dia-a-dia, transeuntes dos mais diversos grupos sociais e faixas etárias, que assim podem apreciar a solene e aparatosa arquitetura do convento de Santo Antônio, ou o luxo de outros modernos edifícios, de vários pavimentos, que margeiam o logradouro. Ao mesmo tempo, os atores do teatro da vida, enquanto ouvem os ecos dos trovadores e instrumentistas de



rua, tentam não tropeçar nos tabuleiros dos camelôs espalhados por todos os lados.

Em torno desse painel de beleza, admiração, préstimo e constrangimento, exala, de alguns cantos, o cheiro fétido de urina fustigada pelo tempo e pelo sol. Nesse quadro multifacetado o desconforto e o pavor surgem frente às mais variadas e deprimentes manifestações da degradação humana. O espaço coletivo em tela, frequentemente utilizado pela população sem teto, como dormitório, é outrossim, ponto de hordas de meninos e meninas de rua que, carcomidos pela fome e o abandono, a todo instante, mendigam, cheiram cola de sapato ou preparam alguma investida para roubar um pedestre qualquer<sup>(4)</sup>.

No tocante à monumental obra do metrô, a estação Carioca, uma das mais imponentes e de movimento mais intenso do "core" da cidade, o povo do Rio de Janeiro tem dispensado um tratamento absolutamente distinto e (até mesmo) paradoxal. Nas estações do metrô, munidas de sistema de ventilação e ar condicionado, com forte luminosidade, conforto, segurança e escadas rolantes, entre outros atributos, persistem as regras da educação ocidental. Os usuários, solícitos, falam baixo, não fumam ou jogam qualquer espécie de lixo no chão, as paredes de mármore ou concreto continuam imaculadas, sem pichações, e os assaltos ou suicídios são raríssimos (e, por vezes, encobertos). Em contraponto, na parte superior da estação do metropolitano - o solo artificial ou laje, que





separa mundos absolutamente opostos - pulsa um cenário com uma mixórdia de acontecimentos comuns, incongruentes e inusitados.

### **(c) Centralidades e Confinamento**

Nos últimos anos, como resposta à violência que assusta a cidade, o carioca passou a se enclausurar com o emprego de grades, muros e portões. Assim sendo, casas, escritórios, empresas, locais de divertimento e até praças ou ruas, estão sendo cercados como meio de proteção. Neste sentido, os “condomínios exclusivos”, “uma forma espacial de habitação que rompe com a do bairro”<sup>(5)</sup> se adequa perfeitamente às exigências dos indivíduos e grupos de média e alta rendas, que buscam segurança e privacidade atrás dos muros desse planejado espaço residencial. Quanto às empresas e instituições financeiras os dispositivos utilizados para se adentrar nesses recintos variam dos crachás e cartões até computadores, passando por portas e telas magnéticas. Dessa maneira, a cidade se protege de si própria (re)produzindo rapidamente refúgios e feudos. Dentro do espírito dessa agorafobia, construções como os shopping-centers despontam como centralidades apropriadas a esses tempos de exacerbado enclausuramento.

A arquitetura “envoltória que abriga (e) polariza”<sup>(6)</sup> o shopping-center limita “uma mini-cidade dentro da metrópole”,<sup>(7)</sup> “um novo espaço de lazer e sociabilidade, em especial para jovens; como



canal alternativo para o comércio varejista, em particular dos bens e serviços ligados ao corpo e a casa, ao gosto e à moda”.<sup>(8)</sup>

Shopping-Center significa, como o próprio nome indica, um centro de compras (e de alguns serviços). Criado para atender a estratos sócio-econômicos específicos, caracteriza-se por ser um local que atrai pessoas que se identificam de alguma maneira e, portanto, são espaços que segregam principalmente em países como o Brasil, contribuindo para fragilizar as relações sociais.<sup>(9)</sup> Fator de mudança na expansão urbana, o shopping-center é um “feudo” à parte (e contrastante) na grande cidade, pois no seu interior, pulsa o “mundo rebrilhante e ofuscante das mercadorias”, “possibilidade do consumo, do convite ao sonho, da falsificação da realidade”.<sup>(10)</sup> Fora dele há toda “sorte de mazelas que compõem o melancólico quadro que se apresenta no fim desse século, principalmente, para os países do denominado Terceiro Mundo”.<sup>(11)</sup>

O shopping-center - construído em consonância com os ditames estadunidenses - seria o coroamento do patamar mais radical e sofisticado da natureza (re)elaborada pelo homem? A chamada “catedral de consumo”, “sub-centro fechado e de luxo”, ou como quer que seja rotulado, não deve ser confundido (a ressalva é importante) com galerias comerciais. Enclave glamuroso e das maravilhas, onde os passantes são belos ou assim se fazem, por suas roupas e ainda pela conduta, esse “rincão da pós-modernidade, como nos lindos sonhos de fadas, reproduz paraísos



encantados, oferecendo para os seus 'eleitos' comodidade, música, pequenos lagos e canteiros, iluminação feérica, comércio e serviços refinados, além de proteção contra a violência, a poluição, as intempéries e a pobreza ou miséria do mundo 'exterior' ".<sup>(12)</sup>

#### **(d) Centralidades Esporádicas**

Tempo e espaço são categorias primordiais no processo de ocorrência das centralidades. Este fenômeno pode se apresentar instantânea ou alternadamente, seja no âmbito do sagrado ou do profano. Os exemplos notáveis da Praça do Russel, utilizada como arena sagrada, em um único dia do ano, e do "Terreirão", local que mantém resquícios do cultuado "berço do samba", ajudam a compreender esta fusão do sagrado e do profano, mesmo no plano das centralidades esporádicas.

A Praça do Russel - situada no bairro da Glória (Zona Sul da cidade) - contígua ao Aterro do Flamengo - é um grande logradouro arborizado, dotado de plataformas de concreto e mesinhas para jogos, bem como estátuas e bustos que homenageiam ilustres personalidades brasileiras ou internacionais. A tranquilidade da praça se perpetua praticamente durante todo o ano, marcado pela rotina do vai-e-vem dos pedestres e a algazarra das crianças em meio aos brinquedos públicos. No entanto, no feriado de vinte de janeiro, dia do padroeiro da cidade, a Praça do Russel vive a plenitude de sua centralidade quando fica apinhada de fiéis que se



aglomeram desde o enorme monumento erigido a São Sebastião - e que domina a praça - até os logradouros das cercanias, após um longo cortejo iniciado na Igreja dos Capuchinhos, no bairro da Tijuca (Zona Norte da cidade). Na Praça do Russel são realizadas diversas cerimônias que incluem encenações teatrais e premiações de escritores, artistas e notáveis que, de acordo com a Cúria Metropolitana, se destacaram no ano anterior. Quando as festividades (religiosas e profanas) são encerradas a praça volta ao seu "ritmo normal".

Um outro tipo de centralidade esporádica diz respeito ao "Terreirão", que vive, de ano em ano, a efervescência de suas atividades, no período próximo e durante o carnaval, quando diversas barraquinhas são erguidas nas adjacências do "Sambódromo", localizado na periferia da Área Central do Rio de Janeiro.

No passado, no local onde anualmente renasce o "Terreirão", viveram os antológicos "bambas", os primeiros cultores do samba. Assim sendo, o "Terreirão" guarda rastros de um passado glorioso. Na realidade, a área do "Terreirão" continua sendo um ponto sagrado da cultura mais popular da cidade, na medida em que, a cada ano, ao sabor de quitutes, bebidas e da batida do samba, as manifestações de alegria, música e dança se estendem até o raiar do dia. Findo o período momesco, as barraquinhas - que tanta afluência provocam - são desmontadas, para retomarem no ano



seguinte. No local surge uma outra centralidade esporádica e de lazer; desta feita fechada, sob a lona de circos nacionais ou internacionais.

### **(e) Centralidades Erradicadas**

As centralidades vivem momentos de afloramento, resplandescência, mas também de extinção ou morte. Todavia, no transcurso de suas existências alguns tipos de centralidades irregulares causam inquietação e são combatidas, ainda que resistam até a incisão definitiva promovida pelas autoridades constituídas.

No Rio de Janeiro, a “Robauto” e o “Camelódromo da Central” desfrutaram de imenso prestígio junto a um grande público. Porém, recentemente, sucumbiram à decisão da atual prefeitura da cidade.

Por muito tempo, a famosa “Feira de Acari” - “Robauto”, na boca do povo - operou com produtos roubados ou sem nota fiscal, comprados, por exemplo, por “muambeiros” que vão ao Paraguai e vendem até produtos sofisticados a preços módicos. A “Robauto”, guardadas as devidas proporções, lembra a feira-livre que sucede ou se repete com intervalos regulares e na qual são expostos e vendidos gêneros alimentícios e, por vezes, roupas, calçados, etc. e que faz parte da própria cultura carioca com seu universo colorido de legumes, verduras e frutos, além da vozeria de fregueses e



vendedores. A “Robauto”, no entanto, difere deste tradicional mercado periódico. Desativado, pelo poder público, ao final de 1994, a “Feira de Acari”- com seu comércio sustentado predominantemente por peças de automóveis roubados - deixou um grande vazio nas ruas do bairro de Acari, situado na Zona Oeste do Rio de Janeiro.

A mesma prefeitura da cidade, sob o comando do economista César Maia, empenhado em freiar o avanço do denominado lumpesinato, destruiu o chamado “Camelódromo da Central” localizado junto ao complexo metrô-rodô-ferroviário da Central do Brasil / terminal de ônibus intermunicipais Américo Fontenelle. Nas palavras do citado prefeito “a devolução de áreas de grande interação e movimento, como era antes o entorno da Central do Brasil apontam”<sup>(13)</sup> para a recuperação e reconstrução dos espaços públicos. Sua gestão tem se esforçado em acabar com a “ocupação desordenada dos espaços públicos”, <sup>(14)</sup> - como afirmou em editorial o Jornal do Brasil - e os focos de camelôs enraizados por toda a cidade, notadamente na Área Central e nos subcentros, ainda que o prefeito esteja ciente de que “a opinião pública do Rio continue majoritariamente partidária do que chama de ideologia do lumpesinato”, “a camada da população que vive em miséria extrema, formada de indivíduos desvinculados da produção social, desprovidos de consciência política, que se entregam a atividades marginais que vão da guarda de automóveis à camelotagem, passando pela prostituição e o roubo”. <sup>(15)</sup>



Como o povo carioca continua recorrendo aos produtos oferecidos pelos camelôs, resta saber quem vencerá: a ordem ou a desordem? Ou seja, “o espaço público para que as pessoas possam se encontrar e usufruir”<sup>(16)</sup> dos seus corredores centrais ou a pujante centralidade provocada pela economia informal dos camelôs.

#### **(f) Centralidades Imortalizadas na Memória**

O mundo da experiência vivida, ornado por concepções diversas e exuberantes é, outrossim, entre vários elementos, fantasia e reminiscência. As lembranças e o reencontro com os lugares devastados (mas queridos) constituem uma das facetas do apreço ao(s) mundo(s) vivido(s), permitindo a outras gerações o acesso à alma dos lugares do passado. <sup>(17)</sup> Assim, como em um ritual mágico, em uma delicada reconstituição arqueológica, os destroços dos lugares do passado são juntados e recompostos, restauração esta responsável pela volta de preciosidades espaciais pretéritas. O acesso aos lugares destruídos ou transfigurados é efetivado em cerimônias diversas que garantem compreender o fascínio exercido pelos lugares do passado, que continuam presentes no íntimo das pessoas e dos grupos sociais. <sup>(18)</sup>



No Rio de Janeiro a antológica Praça Onze, “berço do samba”, destruído nos anos quarenta, persiste como o exemplo mais notório de centralidade imortalizada na memória.

A importância da Praça Onze para o desenvolvimento da cultura musical carioca tem apresentado, ao longo do tempo, ricos e variados contornos. Ao final do século dezenove, o Rio de Janeiro abrigava um expressivo contingente de negros, recebendo algumas outras levas de migrantes dessa raça, concorrendo para o florescimento de diversas manifestações rítmicas como o chorinho, originário de um estilo de interpretação que os músicos populares da cidade imprimiam à execução das polcas. O maxixe é uma outra criação rítmica nascida dos negros e mestiços da então Cidade Nova<sup>(19)</sup>

Como se sabe, a cidade do Rio de Janeiro sofreu um enorme influxo de negros, em decorrência de diversos acontecimentos, como a abolição da escravatura em 1888 (e conseqüentemente da mão-de-obra liberada do campo), de uma grande seca na Bahia e dos soldados egressos da Campanha de Canudos, que aportaram na capital da República, em 1897, com o intuito de resolver o problema do soldo. Posteriormente, as obras de “modernização” e “higienização” ativadas pelo prefeito “bota-abaixo”, Pereira Passos (1902-1906), em conjunto com a gestão do presidente Rodrigues Alves, forçaram a população pobre, que habitava na Área Central da cidade, a migrar para diversos pontos, como a Praça Onze e





imediações, os subúrbios em formação ou, ainda, as favelas (em processo embrionário), que vão sendo erigidas nas vertentes dos morros.

A Praça Onze e bairros das redondezas, incluindo Saúde e Gamboa, constituíam um ponto de aglutinação de negros que, desprovidos de qualificação profissional, procuravam trabalhar como biscateiros ou na estiva, na zona portuária, residindo em inúmeros cortiços. Para o compositor Heitor dos Prazeres toda essa porção periférica da Área Central da cidade era a “Pequena África do Rio de Janeiro”.<sup>(20)</sup> Nessa “África em Miniatura” merece destaque especial o papel exercido pela negra Tia Ciata, a baiana Hilária de Almeida, domiciliada à Rua Visconde de Itaúna, 117, correspondendo à localização do hoje popularmente chamado edifício “Balança mas não cai”. O casarão, transformado em cortiço, era o referencial de encontros para negros, que chegavam à cidade, e reduto de festas que se estendiam por vários dias. Sua arquitetura permitia que no quintal, afastado da rua, o batuque e a capoeira, embora perseguidos pela polícia, se desenvolvessem. A gênese do samba se dá na casa de Tia Ciata, da cozinha - onde se preparavam doces e salgados, apreciados e vendidos nas ruas do Rio de Janeiro - para o quintal.<sup>(21)</sup>

A Praça Onze, centro de lazer para os mais pobres, era um ponto de resistência à cultura europeizada de outros locais da cidade. Em suas casas e ruas desenvolveram-se o candomblé, os



jogos de capoeira e o samba, derivado do batuque. O próprio carnaval de ranchos e batuques se opunha ao carnaval dos ricos, com o curso da Avenida Central. Mais tarde, em 1927, a Praça Onze foi palco do desfile da primeira escola de samba a "Deixa Falar". Nos anos quarenta, como parte dos planos urbanísticos de renovação da periferia da Área Central, o logradouro em questão, bem como diversas ruas, casas, prédios, igrejas e parte do Campo de Santana foram arrasados, na gestão do prefeito Henrique Dodsworth, para a abertura da Avenida Presidente Vargas.<sup>(22)</sup> Todavia, décadas após sua destruição a Praça Onze dos "bambas do samba", do batuque condenado pelas elites, dos cortiços, bares e cabarés, reduto de malandros, prostitutas e homossexuais, centro de lazer da gente mais simples, continua sendo fervorosa e repetidamente etimizada de diversas maneiras. Sua qualidade simbólica, sustentada e modelada através dos tempos, persiste nas telas dos pintores, em shows que resgatam a sua aura e principalmente nos sambas-enredo que a cada ano lembram este emblema representativo de criatividade e resistência.



### 3. À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço urbano está permeado pelo sentido da centralidade, consequência dos sentimentos, das relações econômicas, do seu espraiamento, de sua extrema fragmentação, da cultura e da transitoriedade de certos fenômenos, bem como das rupturas, da deterioração e das reminiscências. À primeira vista o universo de centralidades abordado neste texto pode parecer exagerado e metodologicamente ambíguo ao trabalhar com conceitos, filosofias e teorias de diversas perspectivas. No entanto, a lacuna da centralidade, um conceito extremamente geográfico, permanece por ser preenchida.

#### REFERÊNCIAS

- (1) TUAN, Yi-Fu. Topofilia. São Paulo, DIFEL, 1980 e Espaço e Lugar, São Paulo, DIFEL, 1983.
- (2) \_\_\_\_\_. Espaço e Lugar, op.cit.
- (3) MELLO, João Baptista Ferreira de. O Rio de Janeiro dos Compositores da Música Popular Brasileira - 1928/1991. Uma Introdução à Geografia Humanística. Dissertação de Mestrado, Departamento de Geografia, UFRJ, 1991.
- (4) \_\_\_\_\_. A Humanização da Natureza: Uma Odisséia para a (Re)Conquista do Paraíso. In: SILVA, Solange T. e VIANNA, Olindina Mesquita (org.) Geografia e Questão Ambiental. Rio de Janeiro, IBGE, 1993, p.35-6.



- (5) O'NEILL, Maria Mônica V.C. - Segregação Residencial: Um Estudo de Caso. Dissertação de Mestrado, Departamento de Geografia, UFRJ, 1983, p.6.
- (6) BIENNESTEIN, Glauco. Acumulação de Capital e Espaço Urbano: O Exemplo do Shopping Center. Dissertação de Mestrado, Departamento de Geografia, UFRJ, 1993, p.52.
- (7) \_\_\_\_\_. op.cit., p.24.
- (8) PINTAUDI, Silvana, M. e FRUGOLI, Heitor (org.) Shopping Centers. Espaço, Cultura e Modernidade nas Cidades Brasileiras. São Paulo, Editora UNESP, 1992, Prefácio.
- (9) \_\_\_\_\_. op.cit., p.43.
- (10) \_\_\_\_\_. op.cit. Prefácio
- (11) BIENNESTEIN, Glauco. op.cit. p.23.
- (12) MELLO, João Baptista Ferreira de. A Humanização da Natureza: Uma Odisséia para a (Re) Conquista do Paraíso. op.cit. p.38.
- (13) MAIA, Cesar. Cidade Neurótica. Jornal do Brasil, 10/03/1995.
- (14) Editorial "O Fim da Ilusão", Jornal do Brasil, 06/02/1995.
- (15) Editorial "O Fim da Ilusão". op.cit.
- (16) MAIA, Cesar, op.cit.
- (17) MELLO, João Baptista Ferreira de. O Rio de Janeiro dos Compositores da Música Popular. op.cit., p.199.
- (18) \_\_\_\_\_. O Rio de Janeiro dos Compositores da Música Popular. op.cit. p.251.



- (19) TINHORÃO, José Ramos. Pequena História da Música Popular. Petrópolis, Ed. Vozes, 1969.
- (20) MOURA, Roberto. Tia Ciata e a Pequena África do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1983, p.62.
- (21) \_\_\_\_\_. op.cit. e ROCHA, Oswaldo Porto. A Era das Demolições - Cidade do Rio de Janeiro: 1870/1920. Rio de Janeiro, Biblioteca Carioca, Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro, 1986.
- (22) ABREU, Maurício de Almeida. Evolução Urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, IPLAN / Zahar, 1987.